

Fotógrafo documenta ciclos da Amazônia

JOSÉ GERALDO COUTO
Da Reportagem Local

O fotógrafo Pedro Martinelli, 45, um dos mais premiados do fotojornalismo brasileiro, está empenhado em documentar com sua câmera um mundo em rápida transformação: o dos caboclos que vivem e trabalham na Amazônia. A *Folha* publicará com exclusividade as fotos da série, que foram produzidas em preto e branco.

De acordo com Martinelli, seu trabalho na Amazônia deve durar pelo menos cinco anos e será dividido em ciclos: a juta, a pesca, a moradia, o transporte, as festas populares e a mulher amazonense. A ideia do fotógrafo é transformar a série em livro de reportagem fotográfica.

As fotos que a *Folha* publica hoje fazem parte do ciclo da juta (fibra utilizada na produção de tecidos resistentes, como a estopa) e foram feitas em abril.

Segundo Martinelli, a produção de juta na Amazônia atravessa hoje uma crise motivada por dois fatores: a concorrência de outras fibras, como as produzidas com polietileno, e a baixa remuneração do trabalho dos produtores (R\$ 0,37 o quilo de fibra).

"O caboclo planta a juta no seco, mas a colhe na época da cheia, dentro da água. Depois disso, coloca-a de molho por dez dias, período em que a água do rio sobe ainda mais, o que o obriga a mergulhar para recolher o feixe. Finalmente, num pau flutuante, ele começa a estirar a fibra que vai vender à fábrica", explica Martinelli.

O máximo que um trabalhador consegue produzir numa safra, segundo o fotógrafo, é uma tonelada,

o que lhe rende R\$ 370.

"Se ele arpoa um peixe de 50 kg, ganha por ele R\$ 50", diz Martinelli, para mostrar o maior poder de atração da pesca, outro dos temas que abordará na série.

Mas a própria pesca artesanal —principal fonte de subsistência das populações ribeirinhas da Amazônia— está ameaçada pela pesca industrial predatória.

"Se não houver uma regulamentação, várias espécies de peixes serão extintas", afirma Martinelli.

Homem amazônico

O fotógrafo diz que não quer entrar em polémicas ou analisar politicamente seus temas. "Não sei se quem está certo são os ecologistas, os caboclos ou os empresários. O que eu quero saber é como esse cara que mora lá nasce, cresce, constrói sua casa."

Para Martinelli, "o dia-a-dia do homem amazônico é uma história que a gente não tem contado; a gente conta a história do jacaré, do boto, mas desse homem, não".

As populações indígenas também fazem parte deste trabalho do fotógrafo.

"Fiz muita foto de índio, e tem muita gente que fez nos últimos anos. Não sei se eu teria o que acrescentar ao tema."

Em seu projeto atual, para realizar expedições pelo rio Solimões e seus afluentes, Martinelli comprou um pequeno barco e contratou um mestre para pilotá-lo.

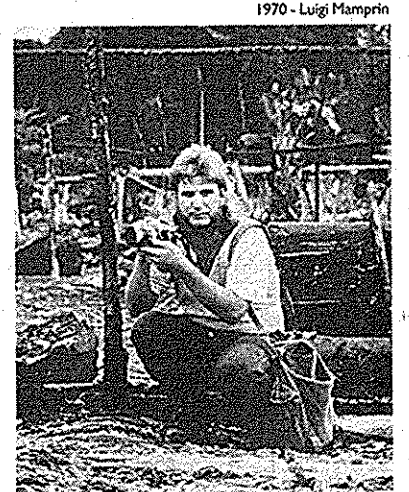
As fotos da juta, por exemplo, foram feitas na região do Supia, braço do Solimões, a dez horas de barco de Manaus, rio acima.

Martinelli faz quase todo o seu trabalho em preto-e-branco, com



Fotos Pedro Martinelli

Ao lado, caboclos cortam juta na costa do Paratari. Abaixo (esq.), juta lavada é transportada.



1970 - Luigi Mamprin

Pedro Martinelli

Paixão por selva teve início em 70

Da Reportagem Local

Pedro Martinelli se apaixonou pela Amazônia ao documentar, para o jornal "O Globo", uma expedição dos irmãos Orlando e Cláudio Villas-Boas de contato com os índios kranhacaré, em 1970, quando tinha 20 anos.

A expedição durou um ano, e nos dois anos seguintes o fotógrafo voltou várias vezes à região, onde contraiu malária dez vezes.

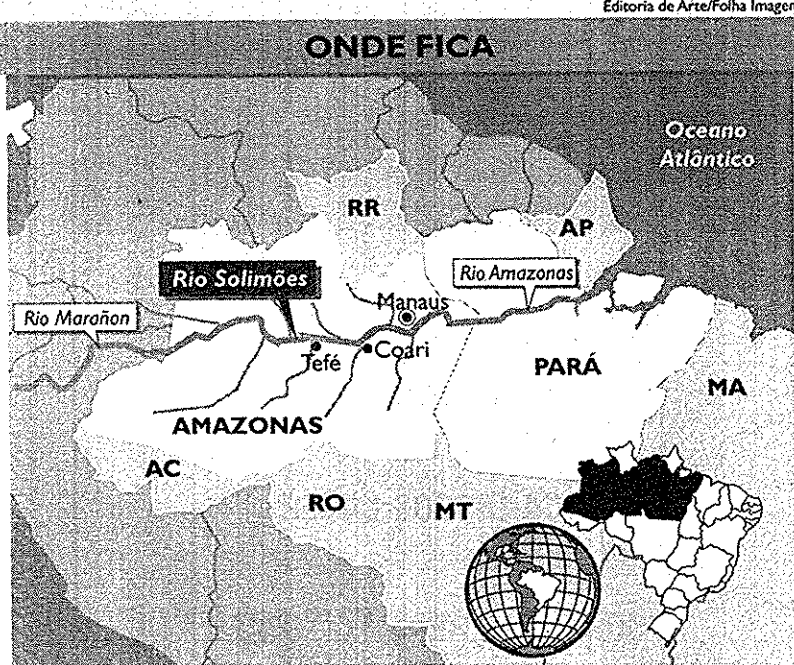
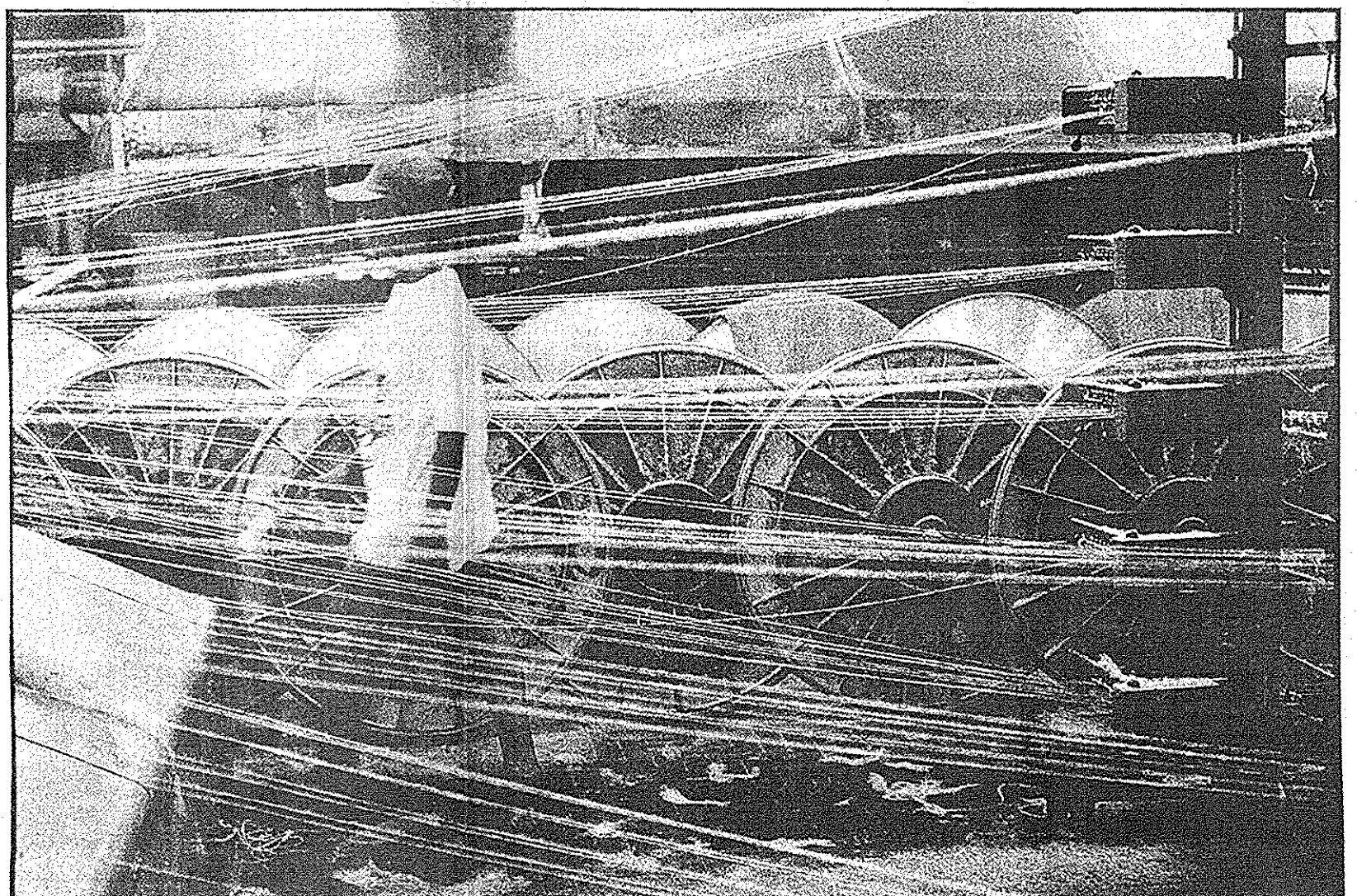
A aventura colocou Martinelli no mapa do fotojornalismo brasileiro. Nas décadas seguintes ele trabalhou para os mais diversos jornais e revistas do país (ficou durante 17 anos na editora Abril, de onde saiu no ano passado).

Cobriu, entre outros eventos, quatro copas do mundo de futebol, duas olimpíadas, os incêndios dos edifícios Andraus e Joelma, a eleição dos papas João Paulo 1º e João Paulo 2º e a guerra da Nicarágua.

"Até o ano 2000 o Brasil vai virar moda, e a ótica mundial vai fechar ainda mais sobre a Amazônia", prevê. "Quero registrar em que condições vamos atravessar este milênio."

Martinelli afirma que o Brasil tem excelentes fotógrafos. "Eles só precisam se soltar e olhar mais para dentro do país. O brasileiro é um povo de uma aura que não tem em lugar nenhum do mundo."

Processo de transformação da juta em tecido



Editoria de Arte/Folha Imagem



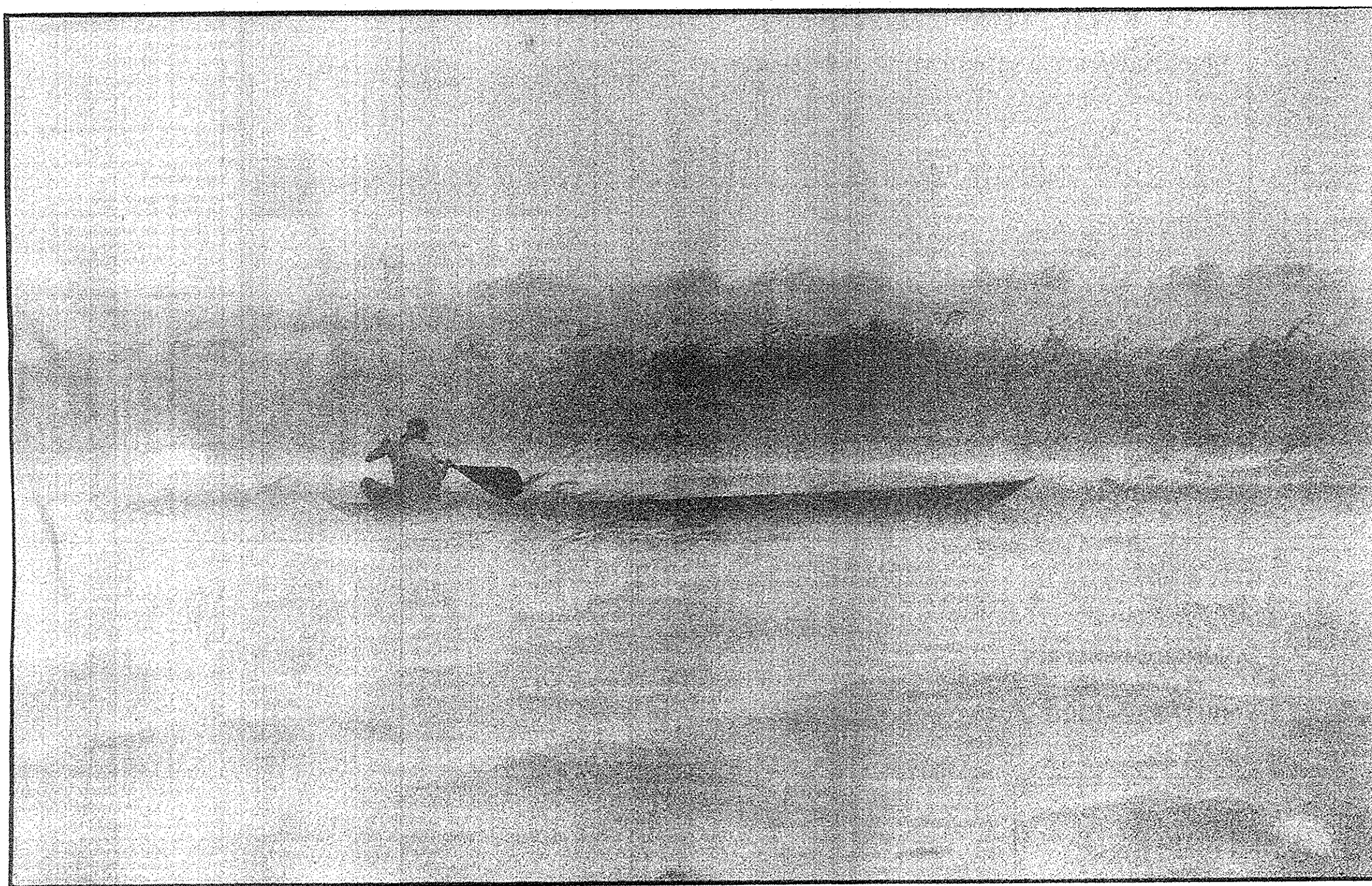
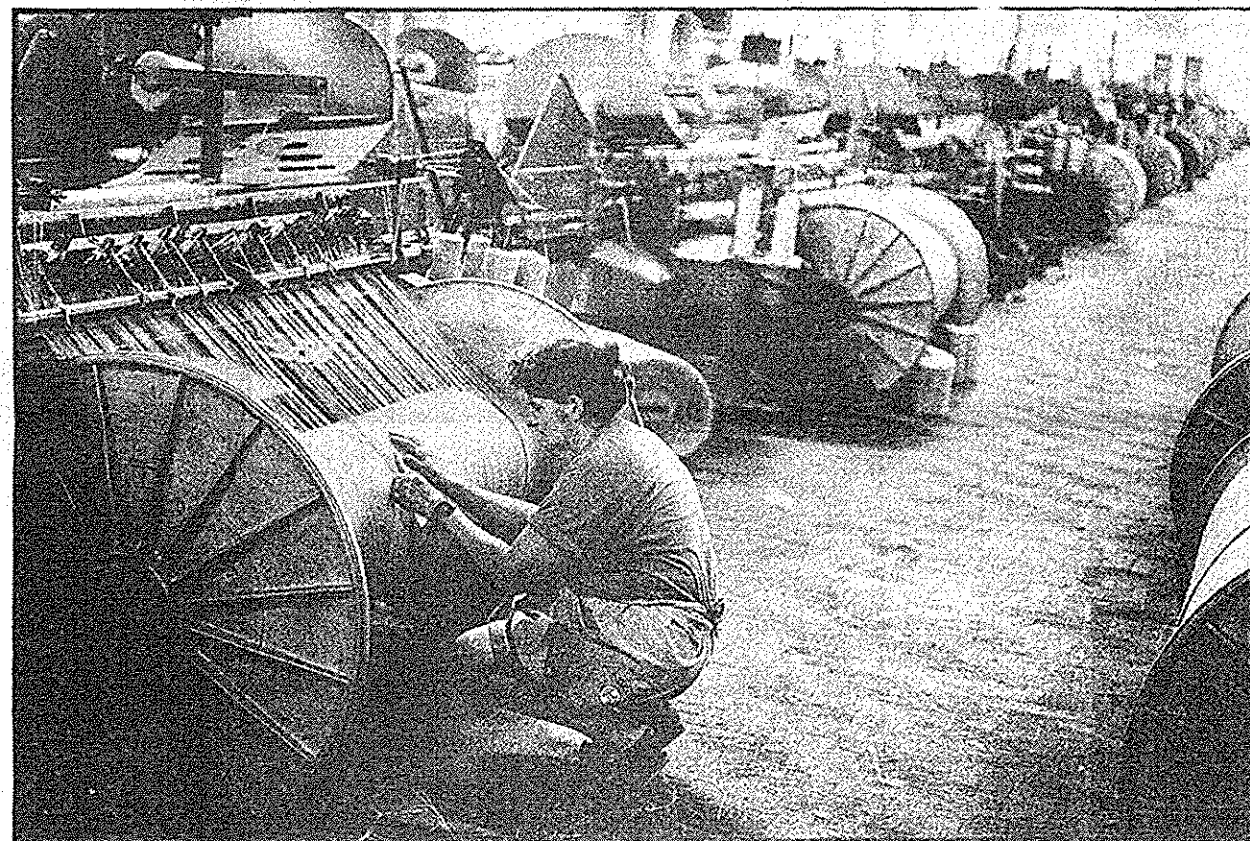
Criança observa plantação de juta do alto de uma árvore



Depois de colhida, em período de cheia, juta é lavada em área inundada pelo rio Solimões



Acima, sr. José, 72, mostra juta colocada para secar; ao lado, juta é fiada em fábrica de Manaus



Pescador navega durante vendaval na costa do Cabaleana